

As virtualidades e constelações de um herói: A recepção da série *Kamen Rider Black Sun* no *Twitter*¹

João Gabriel Ruiz Nina GRANA²
Luan Correia Cunha SANTOS³
Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

RESUMO

Este trabalho busca compreender as virtualidades e atualizações presentes na imagem do herói *Kamen Rider*, a partir de um estudo de recepção da série *Kamen Rider Black Sun*, lançada em 2022 como uma adaptação da série original *Kamen Rider Black*, de 1987. Para isso, trabalhamos com conceitos de Bergson (1999) para tratar das atualizações do objeto, fazendo uma releitura metodológica Benjaminiana para criar constelações de sentidos a partir das manifestações da audiência, expressas na rede social digital *Twitter*. Com isso, buscamos demonstrar os conflitos geracionais e interpretativos que essas atualizações do herói evocam em um contexto de globalização intensificada.

PALAVRAS-CHAVE: *Kamen Rider Black Sun*; Recepção; Ciberespaço; Constelações; Cultura Participativa.

Através do consumo de obras advindas de diferentes nações, é possível aprender muito sobre seus aspectos culturais, como sua linguagem, costumes e até mesmo suas formas de arte mais tradicionais. Antes, pensar em consumir um filme ou seriado de outro país era diferente, era um acesso mais burocrático e que dependia dos canais comunicacionais televisivos. Hoje no ciberespaço, podemos consumir e conversar sobre qualquer mídia de qualquer país de forma simples e rápida. Um país interessantíssimo de se fazer essa análise é o Japão. Com uma Cultura pop vasta, que reimagina e referencia a si mesma constantemente, existem inúmeras formas de discutirmos a influência social e cultural sobre as mídias passadas e atuais de forma interior e exterior a audiência, principalmente no consumo do maior super herói do país, *o Kamen Rider*.

Em 2022, para comemorar os 50 anos da franquia *Kamen Rider*, é lançado no streaming “*Amazon Prime*” a série *Kamen Rider Black Sun*, uma reimaginação da série *Kamen Rider Black* dos anos 1987. O Remake segue a história trágica dos irmãos Kotaro

¹ Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação Multimídia do 20º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 14 a 16 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFRR, email: jgabriel.grana@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFRR, email: luanjack@gmail.com.

Minami e Nobuhiko Akizuki, nascidos em um eclipse e sujeitos a experimentos que os tornaram mutantes conhecidos como “Kaijins”. 50 anos depois, a sociedade japonesa se encontra em pólvora, a coexistência entre humanos e kaijins está cada vez mais desarmoniosa e com a morte do “Rei da Criação” se aproximando, Kotaro e Nobuhiko são colocados no centro de conspirações e situações que colocarão seus ideais e vidas à prova. No meio disso a história de Kotaro se cruza com a de Aoi Izumi, uma jovem de 14 anos e principal ativista na causa pró-kaijins do país, que tem sua vida transtornada quando começa a ser perseguida pelo Partido Gorgom, tornando-se um empecilho para os objetivos secretos desse grupo.

Ao observarmos a recepção da série nas redes sociais, podemos elencar dois principais movimentos. De um lado, a série é ovacionada como uma grande produção que denuncia os males de uma sociedade extremamente conservadora e preconceituosa, de outro, a série é dita como uma descaracterização da identidade do herói e uma grande tentativa de lacração sem sentido. Mas o que causa esse estranhamento? Seriam as virtualidades que a série incorporou que incomodou a nova audiência? Seriam as questões abordadas?

Quando propomos um estudo sobre a recepção da atualização de uma série, passamos por alguns conceitos-chave para compreender a forma como a audiência se relaciona com ela. Podemos compreender atualização como um movimento de trânsito entre um elemento do seu modo virtual para o modo atual (SANTOS, 2020). Desta forma, o objeto passa a ser aquilo que se materializa, que ganha forma no mundo, e tudo que pode ser materializado, pode ser encontrado em seu estado virtual (BERGSON, 1999).

Sendo assim, Kamen Rider Black, de 1987, possui as virtualidades da versão Kamen Rider Black Sun, de 2022, sendo esta última a materialidade das potenciais virtualidades que a série poderia seguir.

Segundo Deleuze (1999), esse processo de atualização passa por acessar o objeto de estudo em seu estado virtual –enquanto algo passível de ser colocado em prática, mas que só se expressa em campo teórico, para o ponto em que o autor denomina de “viravolta”, em que ocorre a inflexão do objeto, que transita entre o virtual e o atual – seu estado materializado. Tratar de uma atualização é falar sobre trânsito, não pensar o ser, mas o estar. Dar ênfase nas temporalidades expressas neste processo.

A série pretende não só reimaginar o popular *Kamen Rider Black* em sua solitária luta por justiça, mas também trazer reflexões sobre os sistemas político-sociais japoneses. Usando o elemento dos Kaijins na narrativa para mostrar de maneira metafórica como estrangeiros e pessoas de outras etnias são tratados com desprezo no país, desde o distrito social até o fato de existirem estabelecimentos e locais que estrangeiros não podem entrar. Sem falar no próprio apelo internacional, onde em determinado momento do episódio 10 é notável a cena de um kaijin sendo sufocado por um policial e dizendo “não consigo respirar”, em um ângulo de câmera que claramente faz referência ao caso George Floyd. A personagem Aoi Izumi também é uma referência à ativista Greta Thunberg, que explodiu como uma figura conhecida aos 14 anos em 2018 quando discursou na ONU em prol de causas ambientais.

Black Sun é uma série extremamente politizada, tocando em assuntos não só Universais mas também expondo os lados mais problemáticos da sociedade japonesa, como a xenofobia, racismo e os crimes cometidos pelas unidades 731 durante a Segunda Guerra Mundial.

Tocando em temas tão sensíveis e sendo uma atualização de outra narrativa, que outrora foi apreciada por uma geração diferente em outro contexto, não só na sociedade japonesa mas como também no Brasil, em que a série original foi um grande sucesso nos anos 80, exibido pela extinta Rede Manchete, *Black Sun* foi recepcionado de forma que dividiu opiniões.

Com base nas teorias de Walter Benjamin, que enxerga o objeto de estudo a partir de uma grande constelação, formada através da forma que diversas camadas de audiência interpretam determinado conteúdo com base em aspectos socio-culturais, esse trabalho tem como foco analisar a recepção de *Kamen Rider Black Sun* através das diferentes percepções da audiência. Isso levando em conta os conflitos geracionais que ocasionam diferentes referências para a recepção (CANEVASSI, 1998).

Com base nessas observações, construímos assim constelações de sentidos sociais e culturais que constituem a recepção de *Kamen Rider Black Sun* enquanto uma materialidade comunicacional a partir de virtualidades (BERGSON, 1999) e mensagens atualizadas de um outro objeto já previamente existente.

Para observarmos como essa recepção ocorre, esse trabalho se concentrará nas discussões e opiniões emitidas sobre a série através do *Twitter*. Analisando a forma que

os comentários são feitos em cima de comparações entre a série original e *Black Sun* a partir das mudanças em relação ao enredo original e das temáticas abordadas para traçar essa diferença ideológica e de geração entre a audiência.

Analisando as constelações em que *Black Sun* se desenhou, é perceptível não só certa divisão ideológica, mas como também geracional. Parte da Audiência da série veio a partir do prévio conhecimento da série original, o *Kamen Rider Black*, que originalmente foi ao ar entre 1987 no país de origem e 1991 no Brasil. Assim como Walter Benjamin (CANEVACCI, 1998) fala do simbolismo das flores, que em determinado momento histórico representa beleza e pureza porém, em outro, representa sexualidade e corrupção para metaforizar os aspectos negativos da Paris em meio a sua metropolização, *Black Sun* ressignifica personagens e conceitos com o objetivo de criar uma reflexão sobre a sociedade atual e um de seus principais males, o preconceito.

As constelações de *Black Sun* se situam através de diferentes tipos de audiência. Podemos notar que temos grupos Nostálgicos, que se prenderam a uma ideia única e conservadora do *Kamen Rider Black* e acabam por repudiar as ideias que *Black Sun* traz; e os Abertos a novidades, aqueles que abraçaram as ideias novas que *Black Sun* agregou ao conceito original. Dentro dessas duas constelações podemos ter outros grupos como os novatos, que estão consumindo *Kamen Rider* pela primeira vez, e esses podem ou não comprar a ideia e mensagens da série de acordo com sua visão de mundo.

Um bom exemplo para isso é olhar o próprio protagonista da série, Kotaro Minami, o *Kamen Rider Black Sun*. Em 1987 era um personagem jovem, enérgico e, como esperado de um protagonista numa série do gênero de super-herói, com um grande senso de justiça, uma versão idealizada por quase todo conservador de o que é um “homem de verdade”. Porém, Kotaro de 2022 é diferente, ele é um homem de idade, cansado e com poucas esperanças de futuro, em meio a um mundo que além de rejeitá-lo, considera injusto pela forma que aqueles que nascem sobre circunstâncias que nem mesmo escolheram, são tratados e até mesmo usados como massa de manobra.

Para compreender a existência e influência de *Kamen Rider Black Sun* em meio ao mundo atual precisamos olhar diretamente para o ciberespaço, onde as discussões e reflexões sobre esse objeto comunicacional irão ocorrer. Podemos destacar como a cultura participativa e dos fandoms (FECHINE, 2018) é interessante quando se olha para essa série, tanto pela forma como a distribuição dela teve um marketing muito voltado

somente para seu país de origem, onde nem se tinha a total certeza se seria oficialmente distribuída para mundo a fora até que chegou o dia de lançamento, mas, mesmo assim, a força de circulação (FAUSTO NETO, 2017) que teve dentro de seu fandom e a força que as discussões sobre ela a fizeram sair da bolha.

O Caos Cartográfico de Erick Felinto (2007) também ajuda a entender várias questões que permeiam o objeto, principalmente a ideia de que o excesso de informação que pode ser divulgada dentro do ciberespaço cria diversas visões sobre um mesmo objeto ou cultura, sendo difícil ter uma visão concreta sobre o mundo. *Kamen Rider Black Sun* bebe dessa fonte ao mostrar o lado preconceituoso e hostil do Japão, um país que mundo afora se vende como uma nação perfeitamente organizada e harmoniosa.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Canal Ilha Kaiju. “KAMEN RIDER BLACK SUN”, histórica política japonesa e os crimes da Unidade 731. Disponível em: <https://youtu.be/GXAFHASym18>. Acessado em: 1 abr. 2023

Canal Quadrinhos na Sarjeta. ANTI-RACISTA E CONTRA A MONARQUIA! O polêmico Kamen Rider Black Sun. 17 nov. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MhD7tMWLdxw>. Acessado em: 1 abr. 2023

CANEVACCI, Massimo. **Cidade Polifônica**. 1. ed. Studio Nobel, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Bergsionismo**. São Paulo: Editora 34, 1999.

FAUSTO NETO, Antônio. Revés na Mídiação. In: SAID, Gustavo; XAVIER, Monalisa (orgs). **Comunicação, Identidade e Subjetividade**. Teresina: Editora e Livraria Nova Aliança, 2017.

FECHINE, Yvana. Transmídiação e cultura participativa: pensando as práticas textuais de agenciamento dos fãs de telenovelas brasileiras. **Revista Contracampo**, v.31, n.1, 2014.

FELINTO, Erick. “Sem Mapas para esses Territórios”: a Cibercultura como Campo de Conhecimento. In: **Revista Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007, Santos. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0770-1.pdf>. Acessado em: 10 abr. 2023

SANTOS, Luan Correia Cunha. A Estética da Podosfera Brasileira: Os devires e atualizações de uma comunidade sensível. In: **Revista Iniciacom**. V. 9. N. 3. São Paulo: Intercom. 2020.